

2012 Nova Museologia de ontem Sociomuseologia de hoje : dos processos históricos às tendências atuais

Revista de Museologia, Associação Espanhola de Museologia, Madrid #53 -2012, pp 30-34

Mario Moutinho¹

Quando a ideia de Nova Museologia ganhou relevância no fim da década de 70, o contexto museológico de uma forma geral era caracterizado pelo lugar central que ocupavam as grandes instituições, de impacto nacional e mesmo internacional, geralmente localizadas nas capitais de cada país. Destas instituições emanava um sentido de referência que definia os limites e lugar daquilo que deveria ser um Museu.

Tratava-se de instituições de grandes colecções onde o saber das técnicas museológicas e das disciplinas de cada especialidade, em particular no domínio da história da arte da arqueologia ou da etnografia, representavam o saber museológico que se revelava como consolidado servindo ao mesmo tempo de padrão.

Quando tomaram forma outras realidades museológicas que não se reconheciam no modelo estabelecido, ficou progressivamente evidente que este não dava conta nem respondia às problemáticas que de forma mais ou menos consistente, um número crescente de museus objectivamente colocava.

Geralmente tratava-se de pequenas instituições, fora das grandes cidades, que revelavam uma articulação consciente com o meio que as envolvia ou que eram na verdade iniciativas locais que reconheciam a museologia como uma forma e meio de expressarem a sua compreensão dos valores da memória, do património e do desenvolvimento local.

E dessa articulação nascia uma consciência mais clara das realidades locais, as quais a museologia estabelecida olhava desconfiada.

Provavelmente não tanto pela própria natureza dessa nova forma de entender a museologia mas pelo desarranjo que provocava na ordem estabelecida. Como no caso da

¹ Mário Moutinho é professor de Museologia, membro fundador e foi Presidente do MINOM-ICOM 2007-2011. Coordenador até 2007 do Mestrado e do Doutoramento em Museologia na Universidade Lusófona. Tem publicações na área da Sociomuseologia. É Reitor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa.

recusa do ICOFOM na 14^a Conferencia de Londres do ICOM em 1983, reconhecer a existência no seu seio de um agrupamento de ecomuseus². Esta possibilidade implicaria o reconhecimento não desejado dos ecomuseus, como parceiros em situação de igualdade coma a museologia estabelecida.

E no entanto, nessa altura, já era uma realidade consolidada a existência de instituições museológicas que se orientavam por outros padrões. São disso exemplo os museus de vizinhança essencialmente vocacionados para a animação de bairros urbanos hispanófonos e negros das grandes cidades norte americanas, onde era dada uma particular importância aos problemas do urbanismo, da identidade dos moradores e do seu bem-estar, preocupando-se com as questões de poluição, alojamento, reabilitação social e criação artística.

Também a renovação da museologia mexicana em certa medida próxima dos museus de vizinhança, no âmbito do projecto Casa del Museo, onde os objectivos se expressavam pela animação e discussão sobre questões da vida quotidiana, com uma forte implicação popular.

Na Suécia, as exposições populares organizadas com o apoio ou por iniciativa da Riksställningar onde a museografia particularmente cuidada, utilizando materiais simples é simultânea dos trabalhos de Sven Lindquist sobre a memória operária, renovaram o interesse pela criação e remodelação de museus de empresa e dos círculos de estudo e de um modo mais vasto, provocavam um olhar novo sobre a sociedade sueca

Os museus de arqueologia industrial que no Reino Unido se embasavam na capacidade das populações de se apropriarem dos métodos da arqueologia e da história local, organizando a restauração de espaços industriais e assegurando a sua animação e acolhimento turístico.

Os ecomuseus por seu lado, invocando-se especialmente do pensamento e acção de Georges Henri Rivière e de Hugues de Varine, colocavam entre outros os problemas da territorialidade, da interdisciplinaridade, e como nos casos já referidos da própria participação das populações como atores e utilizadores das programações ecomuseológicas, com vista ao desenvolvimento social do meio que lhes dava vida.³

² Cf Pierre Mayrand, Parole de Jonas essais de terminologie, Augmentés des chroniques d'un altermuséologue, Cadernos de Sociomuseologia, nº 31-2009, Universidade Lusófona, Lisboa

³ Cf. Peter Davis, Ecomuseums: A Sense of Place, 2011. Continuum International Publishing Group, London, Primeira edição 1999

Quando em 1984 se reuniu no Quebec o Atelier Internacional Ecomuseus - Nova Museologia, tornou-se evidente que existia uma nova prática museológica generalizada expressando-se de diferentes formas e emergente em numerosos países. Tal facto explica que se tenha na ocasião posto em evidência a Declaração de Santiago do Chile a qual tinha sido elaborada no quadro da Mesa Redonda organizada pela UNESCO/ICOM. Se em 1972 esta declaração passou relativamente despercebida, em Quebec a nova realidade do panorama dos museus podia facilmente identificar-se com os princípios então declarados.

Este processo anunciava assim na Declaração de Santiago (1972 UNESCO/ICOM) onde se considerava também:

Que o museu é uma instituição ao serviço da sociedade da qual é parte integrante e que possui em si os elementos que lhe permitirem participar na formação da consciência das comunidades que serve; que o museu pode contribuir para levar essas comunidades a agir, situando a sua actividade no quadro histórico que permite esclarecer os problemas actuais, (...) Que esta nova concepção não implica que se acabe com os museus actuais nem que se renuncie aos museus especializados mas que pelo contrário esta nova concepção permitirá aos museus de se desenvolver e evoluir de maneira mais racional e mais lógica a fim de se melhor servir a sociedade.(...) Que a transformação das actividades do museu exige a mudança progressiva da mentalidade dos conservadores e dos responsáveis dos museus assim como das estruturas das quais eles dependem"⁴

Na verdade entre a Declaração de Santiago e o Atelier do Quebec decorreu em pouco mais de uma década, um período particularmente rico de inovação e afirmação na prática e no entendimento de uma Nova Museologia.

Tratava-se de reflectir e dar continuidade à reflexão de Santiago mas também e talvez aqui esteja um dos aspectos mais importantes deste Atelier, organizar o que se sentia ser um movimento simultâneo em numerosos países. Faltava então uma plataforma na qual os diferentes intervenientes se pudessem reunir, quebrando de certa forma o isolamento entre si e naturalmente mais ainda face aos poderes instituídos.

⁴ Cf. A memória do pensamento museológico contemporâneo (Documentos e Depoimentos) org. Marcelo Araujo & Cristina Bruno, Comitê Brasileiro do ICOM, 1995

A criação do MINOM em 1985 de certa forma viria a consolidar este processo pelo que pouco tempo depois foi reconhecida como Organização afiliada ao ICOM sem contestação.⁵

Entre os objectivos prioritários do Atelier, devem ser mencionados a tentativa de criação de condições de intercâmbio entre as experiências do âmbito da ecomuseologia e de modo geral da nova museologia no mundo e o esclarecimento das suas relações com a museologia instituída em geral. Enfim pretendia-se aprofundar e rever conceitos e encorajando ao mesmo tempo novas práticas museológicas.

Ao longo destes anos, aquilo que numa altura se revelava como uma Nova Museologia deixou de o ser, pelo simples facto das ideias que essa Nova Museologia trazia, terem sido de facto assimiladas por um número crescente de museus. Pelo menos do ponto de vista do discurso, actualmente só um Museu “politicamente incorrecto” poderá assumir-se com indiferente à inclusão social, às questões do desenvolvimento ou da sustentabilidade.

A questão principal reside simplesmente na prioridade que cada museu define como seu objectivo principal. Entre trabalhar com as colecções ou trabalhar com os desafios contemporâneos existe um vasto campo de acção que dá forma a cada Museu. Aliás, devemos facilmente reconhecer a existência de instituições que mais ou menos conscientemente actuam entre estes dois campos procurando colocar-se ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, tal como a actual e renovada definição de museu do ICOM propõe.

Importa referir no entanto que a aceitação deste direito á diferença implica naturalmente também mudanças na formação daqueles que actuam nos museus. Trabalhar com as colecções ou trabalhar com os desafios contemporâneos, ou seja com pessoas, não assenta em idênticas competências, pessoais, políticas e profissionais. Se no primeiro caso estamos em presença de formações essencialmente técnicas, no segundo caso pensamos numa abordagem essencialmente no domínio das ciências sociais.

Esta distinção, que consideramos da maior relevância, não é no entanto assumida pelas universidades que na maioria dos casos assentam os seus programas em conteúdos relacionados com as colecções que se assumem como sendo estruturantes das formações.

⁵ Para consultar os arquivos do MINOM <http://www.minom-icom.net/signud/>

É disto exemplo o Referencial Europeu das Profissões Museais elaborado no seio do ICTOP onde não se encontra se quer referenciada a profissão de museólogo (!).⁶

No entanto quando pensamos um programa de formação objectivando contribuir para a formação de museólogos que possam servir uma museologia orientada para as pessoas, fácil é reconhecer que esse novo profissional necessita de uma abordagem tão nova quanto os desafios que deverá enfrentar, no quadro de uma redefinida Sociomuseologia

Importa no entanto considerar que aquilo que actualmente se reconhece como Sociomuseologia não corresponde a uma ruptura com a Nova Museologia, mas em nosso entender é simplesmente uma reformulação assente na realidade actual da museologia. Neste caso trata-se de uma abordagem multidisciplinar que sintetizamos nos seguintes termos numa proposta de definição evolutiva de Sociomuseologia:

“A Sociomuseologia traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea.

A abertura do museu ao meio e a sua relação orgânica com o contexto social que lhe dá vida, têm provocado a necessidade de elaborar e esclarecer relações, noções e conceitos que podem dar conta deste processo.

A Sociomuseologia constitui-se assim como uma área disciplinar de ensino, investigação e actuação que privilegia a articulação da museologia em particular com as áreas do conhecimento das Ciências Humanas, dos Estudos do Desenvolvimento, da Ciência de Serviços e do Planeamento do Território.

A abordagem multidisciplinar da Sociomuseologia visa consolidar o reconhecimento da museologia como recurso para o desenvolvimento

⁶ Cf. Referencial Europeu das Profissões Museais, ICTOP, 2008. http://www.icom-portugal.org/multimedia/ICTOP_referencial_PT.pdf

Director/a: Coleções e Investigação Públicos Administração, gestão e logística.

Coleções e Investigação: Conservador/a, Responsável pelo Inventário, Gestor de Coleções, Restaurador/a, Assistente de Coleções, Responsável pelo Centro de Documentação, Comissário/a de Exposições, Designer de Exposições

Públicos: Responsável pela Mediação e Serviço Educativo, Mediador/a, Responsável pelo Serviço de Acolhimento e Vigilância, Técnico de Acolhimento e Vigilância, Responsável pela Biblioteca/Mediateca, Responsável pelo Sítio Web

Administração, Gestão e Logística: Administrador/a/Gestor/a, Responsável pela Logística e Segurança, Responsável pelos Sistemas Informáticos, Responsável pelo Marketing, Divulgação e Recolha de Fundos, Responsável pela Comunicação com os Media

sustentável da humanidade, assente na igualdade de oportunidades e na inclusão social e económica.

A Sociomuseologia assenta a sua intervenção social no património cultural e natural, tangível e intangível da humanidade.

O que caracteriza a Sociomuseologia não é propriamente a natureza dos seus pressupostos e dos seus objectivos, como acontece em outras áreas do conhecimento, mas a interdisciplinaridade com que apela a áreas do conhecimento perfeitamente consolidadas e as relaciona com a Museologia propriamente dita”⁷.

Nova Museologia ou Sociomuseologia trata-se da busca de uma compreensão das mudanças profundas da realidade dos museus. Ou seja, mais do que ambicionar a construção de uma nova teoria museologia a questão é ter simplesmente em consideração que os museus mudaram, pelo menos tanto quanto as sociedades onde estão inseridos. E essas mudanças são de facto profundas.

O direito à diferença

Deixou de existir um modelo único de Museu igual à ideia de colecção, de edifício e de público, para se assumir o museu com um lugar central dos conceitos de património (s) território e população. Desenvolveram-se novos modelos de gestão não hierarquizados e assumiu-se o alargamento da noção de património, e a consequente redefinição de "objecto museológico ". Os conceitos de Ecomuseologia, de Economuseologia, de Sociomuseologia expressam diferentes formas dos museus se posicionarem no mundo contemporâneo.

O museu como fim versus museu como recurso.

É certo que já nos estatutos do ICOM se escreve que o museu é uma instituição ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, mas também é certo que os museus têm estado mais ao serviço de si próprios, das suas colecções e dos objectos que os seus donos (porque os museus têm donos -Público ou privados) lhes atribuíram.

Mas também é certo, que é cada vez mais frequente constatar que uma nova geração de Museus se organizam e definem os seus programas de actividades

⁷ Actas do XII Atelier Internacional do MINOM, Cadernos de Sociomuseologia nº 28-2007, Universidade Lusófona, Lisboa <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/510>

perspectivados, como recurso para o desenvolvimento. Preocupam-se com os problemas do mundo em que vivem promovendo o emprego, fomentando novas formas de turismo, revitalizando e criando indústrias e reforçando identidades. Cada dia que passa, mais os museus procuram diferentes formas de sustentabilidade e estão atentos à promoção do desenvolvimento humano e da coesão social e económica.

A Museologia como meio de Comunicação.

A museologia como meio de comunicação é cada vez mais entendida como um recurso exterior ao Museu. E se assim for, teremos de considerar a distinção entre a museografia, como tudo o que diz respeito ao Museu, da expografia entendida como uma escrita, de algum modo inovadora, como sendo esse meio de comunicação.

Podemos fazer um paralelo: se a escrita não é apenas um recurso ao serviço dos editores de texto, mas sim uma forma de expressão cada vez mais acessível e democratizada a expografia também não é apenas um recurso que só tem sentido ao serviço dos Museus.

Se o Museu reconhece e é fruto das multifacetadas redes, que lhe dão vida, terá forçosamente que admitir a alteração do lugar de cada um ocupa neste processo e encontrar novos rumos de comunicação que tenham em consideração que aqueles que produzem e consomem o discurso museológico são parte do mesmo processo.

Para os Museus isto trás consequências importantes. A expografia deixando de estar acorrentada ao serviço das colecções passa a poder ser um recurso para desenvolver e apresentar ideias dentro e fora do Museu.

A autonomia dos públicos

O grau de autonomia de cada pessoa, que hoje caracteriza a nossa sociedade leva os indivíduos cada vez mais, a não se submeterem tão facilmente a discursos autoritários e padronizados.

O Museu é cada vez mais entendido pelo seu conteúdo na busca de reflexão às preocupações de cada visitante. Reconhecer a existência de um público que não precisa de guias, nem legendas é apenas bom senso, e obriga o Museu a elaborar discursos simultaneamente mais complexos e menos padronizados.

Hoje em dia qualquer adolescente domina plenamente processos de aquisição de informação mil vezes mais amplos e complexos que a geração dos seus pais. Estamos a falar da Web e de todos os recursos aí existentes. Por que razão alguém se

contentará da geralmente pobre informação que o Museu disponibiliza quando tem ao seu alcance um mundo de conhecimento? E no entanto os museus obstinam-se a transportar para os displays singulares ou cobrindo paredes inteiras, exatamente os mesmos conteúdos que anteriormente apresentavam em painéis penosamente construídos pedaço a pedaço ou, mais modernamente, diretamente impressos em telas que depois se afixavam aos mesmos painéis. Reduzir ou não procurar utilizar os recursos tecnológicos atuais para servir novos desafios da museologia, mas somente para modernizar narrativas esgotadas, parece cada vez mais uma falta de atenção para com o mundo em mudança⁸

Os ritmos museológicos

A ideia de exposição temporária é hoje um dado adquirido e nenhum museu que se pretenda moderno ousaria ignorar este facto. Por outro lado a montagem de exposições sobre problemas da actualidade, *museus da sociologia, da psicologia ou da globalização*, também são uma realidade e estruturam por si sós a programação museológica de pequenas e grandes instituições, ou de pequenos museus de comunidade e de redes onde as exposições são essencialmente o partilhado processo de apreensão da realidade e catalisadoras de vontades, aspirações e desejos de intervenção.

Mas se pensamos na actuação dos museus em sintonia com o mundo que os rodeia, e que esse mundo está em permanente mudança, também os museus e as suas exposições terão forçosamente de se renovar no mesmo ritmo da história. Em última instância, poderemos imaginar um museu que a cada manhã propõe uma nova exposição elaborada e montada durante a noite, tal com fazem os jornais.

Não sendo obrigatório terminar este texto com uma conclusão gostaríamos de aceitar como razão da nova Museologia e/ou Sociomuseologia a definição de Museu proposta pelo Instituto Brasileiro de Museus⁹

“Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose”

⁸ Moutinho, Mario C. M. 2010. Os museus portugueses perante a Sociomuseologia. In 100 anos de património: memória e identidade: , 313 - 322. ISBN: 978-989-8052-20-9. Lisboa: IGESPAR

⁹ <http://www.museus.gov.br/museu/>

MINOM-ICOM International Movement for a New Museology

Based broadly on a concern for social and cultural change, MINOM brings together individuals who are dedicated to active and interactive museology. It is open to all approaches which make the museum an instrument for identity building and development within the community. MINOM favours cooperative relationships between users and professionals, as well as intercultural collaboration.

MINOM is an international organization affiliated to ICOM (International Council of Museums).

Origin

MINOM was founded in 1985, in Lisbon, Portugal, during the 2nd International New Museology Workshop. This official foundation was the result of the 1st International – Ecomuseums / New Museology Workshop in Quebec (Canada) in 1984, when museologists from 15 countries adopted The Quebec Declaration as a reference point for the movement. Its ideological origins are found in the Santiago Declaration adopted in 1972 in Chile.

Philosophy

Help each other, learn from each other's strategies of using heritage and museums as a tool to combat injustice, to foster development in communities, to foster dialogue. For us, these are not just words, they are part of a project of society, with more solidarity. It is a debate not about organizations or objects, but about people.

What can we expect from the movement?

Essentially the sharing of human experiences and techniques which too often are little because of the uncertain finances and the isolation which are common to many expressions of new museology: ecomuseums, neighbourhood museums, local museums, popular and community museums. Encouragement of innovative museum initiatives. Regional and international meetings of members and non-members. A continuous exchange of ideas on the goals of museology and museography. Communication by the simplest and most direct means. Enthusiasm shared by our members

<http://www.minom-icom.net/>